

A PSICOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

LA PSICOPEDAGOGÍA EN LA ALFABETIZACIÓN DE NIÑOS CON DIFICULTADES DE APRENDIZAJE

PSICOPEDAGOGY IN LITERACY OF CHILDREN WITH LEARNING DIFFICULTIES

Anaisa ALVES DE MOURA¹

Francisca Neide CAMELO MARTINS RODRIGUES²

Stela LOPES SOARES³

Heraldo SIMÕES FERREIRA⁴

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal investigar as dificuldades de aprendizagem enquanto limitadoras do processo de alfabetização. Nesse contexto, utilizou-se para a investigação de diversos referenciais teóricos voltados para o esclarecimento da importância do psicopedagogo, seu trabalho interventivo e preventivo e seu papel no ambiente escolar e ao educando, a partir do seu contexto social, cognitivo, psíquico e orgânico. Utilizou-se como metodologia para esse estudo uma revisão de literatura, analisando diversas bibliografias, baseada em autores renomados que estudaram profundamente a temática abordada. Após analisar, reafirma-se que a Psicopedagogia contribui para a Educação ampliando as possibilidades de buscas e reflexões sobre o processo de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Psicopedagogia. Dificuldades de aprendizagem.

RESUMEN: *El objetivo principal de este artículo es investigar las dificultades de aprendizaje como la limitación del proceso de alfabetización. En este contexto, se utilizó para la investigación de varias referencias teóricas para clarificar la importancia del psicoeducador, su intervención y trabajo preventivo y su papel en el entorno escolar y la educación, desde su contexto Social, cognitiva, psíquica y orgánica. Se utilizó como metodología para este estudio una revisión de la literatura, analizando varias bibliografías, basadas en reconocidos autores que estudiaron profundamente el tema abordado. Después de analizar, se reafirma que la psicopedagogía contribuye a la educación ampliando las posibilidades de búsqueda y reflexiones sobre el proceso de aprendizaje.*

PALABRAS CLAVE: Alfabetización. Psicología. Dificultades de aprendizaje.

¹ Centro Universitário INTA (UNINTA), Sobral - CE - Brasil. Orientadora Educacional no Centro Universitário INTA – UNINTA. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-4878-089X>>. E-mail: anaisa1000@hotmail.com

² Centro Universitário INTA (UNINTA), Sobral – CE - Brasil. Diretora de Supervisão Institucional do Centro Universitário Inta – UNINTA. E-mail: prodise@inta.edu.br

³ Centro Universitário INTA (UNINTA), Sobral – CE - Brasil. Professora no Curso de Educação Física. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-5792-4429>>. E-mail: stelalopesoares@hotmail.com

⁴ Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE - Brasil. Centro de Ciências da Saúde, Professor Adjunto do Curso de Educação Física. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0003-1999-7982>>. E-mail: heraldo.simoes@uece.br

ABSTRACT: *The main purpose of this article is to investigate learning difficulties as limiting the literacy process. In this context, it was used for the investigation of several theoretical references to clarify the importance of the psychoeducator, its intervention and preventive work and its role in the school environment and the educating, from its context Social, cognitive, psychic and organic. It was used as a methodology for this study a revision of literature, analyzing several bibliographies, based on renowned authors who studied deeply the topic addressed. After analyzing, it is reaffirmed that the psychopedagogy contributes to the education broadening the possibilities of search and reflections on the learning process.*

KEYWORDS: *Literacy. Psychology. Learning difficulties.*

Introdução

Este estudo busca analisar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos em processo de alfabetização. Em que a educação brasileira possui historicamente problemáticas relacionadas ao processo de alfabetização, estas, são questões interligadas e complexas que envolvem desde a questão familiar, até as políticas públicas voltadas a essa fase do processo ensino-aprendizagem.

Em torno destas problemáticas supracitadas se constituíram as questões que deram relevância a este trabalho e que norteiam este estudo, são elas: Quais as contribuições que a Psicopedagogia pode oferecer para reduzir e tentar sanar as dificuldades detectadas no processo de alfabetização? Os psicopedagogos como componentes efetivos da equipe escolar podem favorecer o trabalho da instituição como mediador das causas das dificuldades dos alunos no processo de alfabetização e reunir a comunidade em torno destes desafios?

Para tanto, expõe-se que dentre os fatores responsáveis pelas dificuldades dos educandos no processo de alfabetização podemos destacar: a família, o professor, as metodologias, a escola, as situações vivenciadas etc.

Ressalta-se que algum tempo atrás era só o sujeito saber assinar o próprio nome que era considerado alfabetizado, ou seja, os programas tinham intuito político que desconsideravam o verdadeiro processo de alfabetizar. Muito se tem feito, mas a realidade é que ainda são observadas problemáticas relacionadas às dificuldades no processo de alfabetização, como a repetência e a evasão escolar.

Além disso, apesar dos avanços, Corrêa (2011) afirma que a leitura exigida na universidade requer do aluno conhecimentos que transcendem o texto lido.

Com intuito de entender melhor o processo de alfabetização e leitura, assim como os avanços os quais eles passaram, o objetivo geral deste artigo é investigar as dificuldades de aprendizagem enquanto limitadores da aprendizagem, no período da alfabetização. Já os objetivos específicos são: descrever a relação da alfabetização com a formação social do sujeito; conceituar as dificuldades de aprendizagem; analisar discursos de equipes pedagógicas em relação à aprendizagem de crianças não alfabetizadas no âmbito escolar, mostrando por fim de que forma os professores podem ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem revendo a sua prática como docente.

A metodologia aplicada foi bibliográfica do tipo descritiva, de abordagem qualitativa, baseada em autores renomados que estudaram profundamente a temática abordada, tais como: Pain (2014), Bossa (2014) Fernandez (2013), Doares (2014) e Sanchez (2014), entre outros.

O material foi criteriosamente analisado como forma de organizar o trabalho em tópicos complementares e que tornasse a leitura abrangente, concisa e clara nos seus objetivos.

Assim sendo, de acordo com Fernandez (2013, p. 65) a alfabetização das classes sociais que enxergam a escrita como uma garantia de sobrevivência é diferente de outras classes que interpretam a escrita fundamental, além de uma forma de manifestação individual e de arte. Entendendo que as dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas um dos fatores de condução ao fracasso escolar.

Então, Andrade e Corsino (2011) afirma que as crianças podem aprender a escrever e a ler por meio de outras linguagens, como a música, a dança, dentre outras formas.

É preciso entender que todos têm seu papel e que o professor deve atentar-se para as diferentes formas de ensinar, criando vínculos com os seus alunos através das atividades cotidianas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos, mais fortes e positivos, pois, há muitas maneiras de aprender.

O processo de aprender exige uma integração entre cognição, afetividade e ação e, nos alunos que não apresentam dificuldades, esta integração flui, permitindo a aprendizagem. Mas, aqueles que por algum motivo exibem dificuldades, esta integração aparece desorganizada, o que provoca muita tensão diante das situações de aprender.

Dessa forma, na aprendizagem escolar, existem os elementos centrais para que o desenvolvimento ocorra com sucesso, que são eles: o aluno, o professor e a situação de aprendizagem.

Para Fonseca (2015, p. 43), a criança com dificuldade de aprendizagem não deve ser “classificada” como deficiente. Trata-se de uma criança normal que aprende de uma forma

diferente, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Quanto aos professores, muitos deles entram na vida acadêmica, ainda sem vivência prática, tornando-os despreparados às vezes, para detectar especificidades.

Além disso, quando se trata da rede pública, frequentemente os métodos de ensino são alterados, o que pode atrapalhar a forma de ensinar e a segurança que o professor tem sobre seu trabalho.

Outro fator influenciador da aprendizagem do aluno são as condições em que uma instituição de ensino pode ser encontrada, tais como: com falta de segurança e de material, condições sanitárias inviáveis e ainda, às vezes localizadas em uma área de difícil acesso.

Para subsidiar as discussões que iniciamos sobre a temática, aprofundaremos no tópico a seguir, trazendo para isso, os elementos importantes para o entendimento das dificuldades de aprendizagem.

Entendendo aprendizagem e alfabetização

Define-se, segundo Vallet (2015) que a aprendizagem é o processo de aquisição de habilidades, valores, conhecimentos e atitudes, proporcionados por meio da experiência vivenciada ou dos estudos. Podendo o mesmo ser analisado sob diferentes âmbitos. Sendo a imitação, um processo primordial para aprendizagem.

Com este intuito, Paim (2014) afirma que a pedagogia diferencia os diferentes tipos de aprendizagem, dentre elas mencionamos, a aprendizagem receptiva (em que o sujeito entende o conteúdo e reproduz o mesmo, mas não descobre nada), a aprendizagem repetitiva (produzida quando o indivíduo memoriza os conteúdos sem os compreender nem os relacionar com conhecimentos prévios) a aprendizagem por descoberta (os conteúdos não são recebidos de forma passiva e a aprendizagem significativa (sempre que a pessoa relaciona os seus conhecimentos prévios com os novos e os dota de coerência relativamente à sua estrutura cognitiva).

Já a alfabetização, para Andrade (2011) consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais complexo, a alfabetização pode ser entendida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e suas variações. Esta etapa não se sintetiza apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas do ato de ler, todavia na competência de decifrar, entender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento.

Definindo dificuldades de aprendizagem

O termo dificuldade de aprendizagem começou a ser usado na década de 60 e até hoje, na maioria das vezes, é confundido por pais e professores como uma simples desatenção em sala de aula ou crianças desobedientes.

Mas a dificuldade de aprendizagem refere-se a um distúrbio que pode ser gerado por uma série de problemas cognitivos, emocionais ou neurológicos, que afetam qualquer área do desempenho escolar.

Assim, Polity (2016, p. 87) pontua que as dificuldades enfrentadas atualmente na alfabetização são potencializadas tanto pela herança do analfabetismo e das desigualdades, quanto pelo presente (a ampliação do conceito de alfabetização e das expectativas da sociedade em relação a seus resultados). Entretanto, tem-se ciência que os métodos podem eximir o aluno que não consegue acompanhá-lo, pois não interpreta a necessidade deste, principalmente dos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Entretanto a função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. De modo a possibilitar que estes atuem criticamente em seu espaço social.

Tendo em vista as dificuldades que ocorrem no ensino-aprendizagem do educando, nas escolas de Ensino Regular, a pesquisa mostra que desde a Pré-escola o aluno com necessidades especiais apresenta dificuldade de memória, conduta, estima baixa.

A criança que apresenta dificuldades na aprendizagem em sua maioria apresenta sintomas diversos, tais como: tristeza, timidez, agressividade, ansiedade, dificuldade de interação com colegas. De acordo com Fonseca (2015, p. 95)

Atualmente, vive-se um momento em que as necessidades dos alunos com dificuldade de aprendizagem estão cada dia mais presente no dia a dia. Chega-se no momento que a escola não pode ser apenas transmissora de conteúdos e conhecimentos, muito mais que isso, a escola tem a tarefa primordial de “reconstruir” o papel e a figura do aluno, deixando o mesmo de ser apenas um receptor, proporcionando ao aluno que seja o criador e protagonista do seu conhecimento. É preciso levar o aluno a pensar e buscar informações para o seu desenvolvimento educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas primordiais e básicas da educação.

Para tanto é primordial que se leve em consideração as dificuldades de aprendizagem, não como fracassos, mas sim como desafios e serem enfrentados, e ao se trabalhar essas dificuldades, encara-se esta, como problemas comuns existentes na vida, ofertando aos

portadores de dificuldades a oportunidade de ser independente e de reconstruir-se enquanto ser humano e indivíduo.

Dessa maneira, a escola será inclusiva quando transformar, não apenas a rede física, mas a postura, as atitudes e a mentalidade dos educadores, e da comunidade escolar em geral, para aprender a lidar com o heterogêneo e conviver naturalmente com as diferenças.

Para tanto, os sistemas de ensino devem dar respostas às necessidades educacionais dos alunos, pois o movimento inclusivo nas escolas, por mais contestado que ainda seja, é irreversível e convence pela sua lógica e pela ética do seu posicionamento social (BOSSA, 2014, p. 74).

Sendo assim, de acordo com Pain (2014, p. 106)

O momento é refazer a educação escolar, seguindo novos paradigmas, preceitos, ferramentas e tecnologias educacionais. As condições de vida das famílias das crianças influenciam na aprendizagem dos alunos. Em várias famílias de classe mais baixa, escrever pode limitar-se somente a assinar o próprio nome ou, no máximo, a reproduzir recados curtos. Para quem convive com esse mundo, escrever como a escola pretende pode ser esquisito, indesejável e desnecessário. Entretanto, os que convivem num meio social onde se leem jornais, livros, revistas, e no seu convívio familiar se escrevem com frequência e pessoas que tem o hábito de ler será levado facilmente a adquirir esse hábito e virá a ser um leitor ativo.

Consequentemente, alfabetizar classes sociais que veem a escrita como uma mera garantia de sobreviver na sociedade é diferente de alfabetizar classes sociais que consideram a escrita, além de essencial, uma forma de manifestação individual, de arte e de passatempo.

As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar.

Não podemos desconsiderar que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola por não saber lidar com a diversidade dos seus alunos. É preciso que o professor atente para as diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor deve ter consciência da importância de criar vínculos com os seus alunos através das atividades cotidianas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos, mais fortes e positivos, buscando sempre motivar os alunos para aprendizagem, pois este, ao perceber que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, muitas vezes começa a apresentar desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, agressividade e etc.

Nesse sentido, Sanchez (2014, p. 77) assegura que a dificuldade de aprendizagem é um “termo geral que se refere a um grupo heterogêneo e de transtornos manifestados por dificuldades significativas no uso da leitura e escrita”.

O mesmo autor acima afirma que quando se trata de alfabetização pode-se observar o quanto as crianças são pesquisadores em potencial, pois estas, estão sempre atentas a tudo o que há ao seu redor, por isso algumas crianças entre três e cinco anos em uma escola, seguindo uma mesma rotina, se demonstram desinteresse, não mostram ou trocam aprendizagens com seus colegas e professores, chamam atenção a observar se algo está errado ou não. Neste caso, pode estar ocorrendo transtornos do sistema nervoso, como também problemas de condutas e interação social, ou ainda outras influências tais como: diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente.

Vale salientar que a criança deve ser vista como um todo, para que se possa chegar às partes e identificar as possíveis causas de aparentes dificuldades, consequentes obstáculos para o processo de aprendizagem.

Há aspectos que se tornam obstáculos na área cognitiva do aprendiz, porém ninguém pode aprender além do que a sua estrutura cognitiva permite. Também há situações que podem se tornar desanimadora ou desinteressante, não havendo vínculos afetivos que o aprendiz estabelece com os objetos e situações de aprendizagem. Vínculo inadequado também possui a capacidade de impedir ou dificultar a aprendizagem. Para Vallet (2015, p. 55)

Outro obstáculo está relacionado ao meio cultural. Quando a criança está acostumada em determinada cidade, ou até mesmo bairro, escolas, enfim, já está inserida em meio social onde se habituou e criou laços afetivos, e por determinada situação houver mudança repentina pode ocorrer bloqueios ou dificuldades na aprendizagem. A cada mudança um novo início, uma nova adaptação, e nem sempre será positiva para o aprendiz.

Por isso, o educador deve ter a consciência de conhecer os seus alunos e observar como cada um se manifesta, não desvalorizando aquele que fica mais reservado, que não responde as perguntas na hora em que é questionado. Contextualizando o que estamos comentando, Soares (2014, p. 143) contribui:

Numa perspectiva de senso comum só alguns alunos têm dificuldades de aprendizagem. A maioria da turma se desenvolve normalmente, como se é esperado e idealizado pelo professor. Infelizmente, essa teoria esta muito presente nas salas de aula, o educador como sendo o dono da verdade e os alunos tendo que seguir exatamente o que lhes são propostos, não podendo questionar, então, para aquele que não se adapta à forma que lhe é mostrado o conteúdo, tendo “dificuldades” em aprender, estará sendo o foco de

questionamentos para se chegar a responder do que está acontecendo com esta criança que não acompanha a turma.

As dificuldades de aprendizagem podem surgir em qualquer situação, idade e/ou momento do percurso escolar. Aprender exige esforço, persistência, em tudo há dificuldades. A forma de como o aluno reage perante a situação de dificuldade, pode determinar de forma significativa, o seu nível de sucesso, de realização e desenvolvimento pessoal.

Principais Distúrbios de Aprendizagem que ameaçam o processo de alfabetização

De acordo com os autores, os distúrbios mais sérios que causam as dificuldades de aprendizagem são a imaturidade funcional, disfunção cerebral, disfasia, dislexia, discalculia, dentre alguns outros que veremos durante este tópico.

Dessa forma, Tfouni (2013) contextualiza que a Imaturidade Funcional é entre outras questões, um nível de dificuldade de aprendizagem, pois a criança apresenta um atraso na aprendizagem em algum momento de sua vida.

Segundo o mesmo autor acima, já a Disfunção Cerebral ocorre em crianças inteligentes, que se socializam normalmente e se comunicam de forma normal. Suas dificuldades acontecem em áreas específicas, ocorrem limitações cerebrais específicas, como por exemplo, o entendimento de certa palavra ou escrever certas frases específicas.

Além disso, as crianças que apresentam dificuldades, geralmente, não são valorizadas por suas inteligências, mas sim marcadas por suas dificuldades.

Ainda traz-se outros problemas como a Disfasia que se caracteriza como sendo uma dificuldade que ocorre na área da linguagem, podendo a criança apresentar dificuldade em nível de expressão ou compreensão. Essa dificuldade diz respeito à aquisição da leitura. São crianças que não elaboram frases, expressam as partes finais das palavras. Geralmente nesta, há antecedentes familiares. As dificuldades de associações são severas. Pensamento de linguagem e a associação dos membros são deficientes. A lateralidade e os movimentos corporais são deficientes (POLITY, 2016, p. 32).

O exame neurológico apresenta sinais patológicos. Crianças com disfasia escolar geralmente falam tarde e o vocabulário é pobre. Já na Dislexia a criança apresenta dificuldade para identificação dos símbolos gráficos. O distúrbio se encontra em nível das funções de percepção, memória e análise visual.

Para Soares (2014, p. 88) a criança com dislexia precisa de um trabalho fonético repetitivo, pois terá muita dificuldade na fixação dos fonemas. A leitura exige do indivíduo visualização clara das formas gráficas que representam os sons da fala. A potencialidade do corpo influencia na aprendizagem e no diagnóstico diferencial da dislexia.

Outro distúrbio que pode ser mencionado trata-se da Discalculia que é a incapacidade de compreender o mecanismo do cálculo e a solução dos problemas. O termo discalculia é usado frequentemente ao referir-se, especificamente, à inabilidade de executar operações matemáticas ou aritméticas. É, pois, um distúrbio neuropsicológico caracterizado pela dificuldade no processo de aprendizagem do cálculo e que se observa, geralmente, em indivíduos de inteligência normal, que apresentam inabilidades para a realização das operações matemáticas e falhas no raciocínio lógico-matemático. (FERNANDEZ, 2013, p. 65)

O Déficit de Atenção ou Transtorno de Atenção (TDA) é caracterizado por um distúrbio em que os impulsos a nível cerebral se dão numa velocidade muito acima do normal. As consequências podem ser: a falta de atenção, impulsividade e agressividade.

A escolha da escola é um fator fundamental para o trabalho com o TDA. É preciso que o professor conheça o distúrbio e juntamente com a escola e família tracem estratégias para adaptar o ambiente à criança.

Para Sanchez (2014, p. 32)

O aluno com TDA precisa sentar próximo à professora, longe da janela, por onde muitos estímulos chegam. A sala de aula deve ser o mais “clean” possível. Tudo para evitar que a criança disperse. Diante dessas questões expostas, acima de tudo precisa haver prontidão por parte da escola para aprender as dificuldades e facilidades de cada um. Algumas crianças estão muito mais prontas do que outras para usar as atividades de escrita e leitura, em função do contato que já têm essas atividades no ambiente familiar e no seu contexto em que vivem. Observando os usos que fazem as pessoas ao seu redor dos atos de leitura e escrita (normalmente revestidos de forte carga significativa), essas crianças percebem cedo a eficácia social destas atividades, condições necessárias para o desenvolvimento de prontidão para a construção da sua própria escrita.

É no contato com a leitura e escrita que a criança enfrentará toda e qualquer dificuldade, chegando ao seu objetivo de estar alfabetizado. Enfim, há vários fatores responsáveis pelo surgimento de dificuldades na alfabetização, mas, acima de tudo o educador deve tornar o ambiente de trabalho mais rico e variado, dando oportunidade às crianças para realizarem movimentos corporais e estimulá-las de diferentes formas.

Portanto, para compreendermos um pouco melhor como acontece essa interação entre o professor que trabalha com estes distúrbios, o Psicopedagogo, assim como apresentar como acontece essa relação, a seguir, trazemos pontos importantes para esta discussão.

O psicopedagogo e os distúrbios de aprendizagem

A identidade da Psicopedagogia é o fato de seu surgimento representar claramente uma questão política, já que sua existência parece ameaçar o campo de trabalho de outros profissionais, principalmente os que pertencem aos grupos de referência.

Para Soares (2014, p. 87)

Na prática, o psicopedagogo tem como modelo, papéis assumidos tanto pelo psicólogo no que tange a atuação clínica, como do pedagogo, no trabalho com aprendizagem. Historicamente é a partir destes modelos que surge a identidade do psicopedagogo com uma especificidade que lhe é própria. A ação dos profissionais que lidam com os problemas de aprendizagem, a partir da cotidianidade construiu sua práxis, estabelecendo novos ideais, dando assim elementos que possibilitam a revisão da atuação educacional. Nas instituições o psicopedagogo cumpre a importante função de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de normas de conduta inseridas num mais amplo projeto social, procurando afastar, contrabalançar a necessidade de repressão.

Agindo assim, a maioria das questões poderão ser tratadas de forma preventiva, antes que se tornem verdadeiros problemas e/ou também interventiva, se a dificuldade de aprendizagem já estiver evidente. Polity (2016, p. 54), faz menção com respeito à importância da prevenção e da intervenção psicopedagógica, mas enfatizam também que não podemos ignorar a fase que precede a essas ações.

A Psicopedagogia sendo um trabalho preventivo e terapêutico, não deixa de resultar em um trabalho teórico. Ou seja, tanto na prática preventiva como clínica, o profissional procede sempre embasado no referencial teórico adotado. Acreditamos que a teoria poderá contribuir para tal referencial por se atentar ao desempenho das crianças em idade escolar.

No pensar de Pain (2014, p. 93)

O problema de aprendizagem não é um termo para referência de um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que afetam o rendimento e a vida escolar do aluno. É atribuído a várias causas e aspectos diferentes que podem prejudicar o funcionamento cerebral. Às vezes, as dificuldades de aprendizagem são tão sutis que essa criança não parece ter problema, mas podem apresentar uma inteligência na média ou superior e serem excepcionais em algumas áreas.

Bossa (2014, p. 64) afirma que: “Os distúrbios de aprendizagem são compreendidos como termo utilizado para explicar comprometimento neurológico que interferem na percepção e no processamento de informações pelo aluno impedindo sua aprendizagem.” Já Pain (2014, p. 65) considera a dificuldade para aprender como um sintoma, que cumpre uma função positiva tão integrativa como o aprender, e que pode ser determinado por:

- Fatores orgânicos: relacionados com aspectos do funcionamento anatômico, como o funcionamento dos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso central;
- Fatores específicos: relacionados à dificuldades específicas do indivíduo, os quais não são passíveis de constatação orgânica, mas que se manifestam na área da linguagem ou na organização espacial e temporal, dentre outros;
- Fatores psicógenos: é necessário que se faça a distinção entre dificuldades de aprendizagem decorrentes de um sintoma ou de uma inibição. Quando relacionado a um sintoma, o não aprender possui um significado inconsciente; quando relacionado a uma inibição, trata-se de uma retração intelectual do ego ocorrendo uma diminuição das funções cognitivas que acaba por acarretar os problemas para aprender;
- Fatores ambientais: relacionados às condições objetivas ambientais que podem favorecer ou não a aprendizagem do indivíduo.

Destaca-se assim que um indivíduo com dificuldades de aprendizagem não apresenta necessariamente baixo ou alto QI, significa apenas que ele está trabalhando abaixo da sua capacidade devido a um fator com dificuldade, em áreas como, por exemplo, o processamento visual ou auditivo. As dificuldades de aprendizagem normalmente são identificadas na fase de escolarização, por profissionais como psicólogos, através de avaliações específicas de inteligência, conteúdos e processos de aprendizagem (SOARES, 2014, p. 43).

De modo geral, a criança com dificuldades de aprendizagem, apresenta uma linha desigual em seu desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem não são causadas por pobreza ambiental e/ ou por atraso mental ou transtornos emocionais.

Portanto, Fonseca (2015) diz que a criança com dificuldade da aprendizagem não deve ser “classificada” como deficiente, e sim como uma criança normal que aprende de uma forma diferenciada, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado. Não pertencendo a nenhuma categoria de deficiência, não sendo sequer uma deficiência mental, pois possui um potencial cognitivo que não é realizado em termos de aproveitamento educacional.

O risco está em não se detectar esses casos, não se proporcionar, no momento propício, às intervenções pedagógicas preventivas nos períodos de maturação. Se não detectados cedo, a escola pode influenciar e reforçar a inadaptação, culminando, muitas vezes, mais tarde, no atraso mental, na delinquência ou em sociopatias.

As intervenções da psicopedagogia na redução dos problemas de aprendizagem

Segundo Medina (2016) as atividades interventivas sempre devem começar com as crianças, pois nesta fase elas estão em pleno desenvolvimento dos diferentes aspectos da aprendizagem.

Assim, quando uma criança apresenta dificuldades para aprender, é comum que o professor, ou os pais, esperem por um “despertar” ou que a criança, mais cedo ou mais tarde passe a aprender igual aos colegas.

Destarte, o trabalho do psicopedagogo implica em compreender a situação de aprendizagem do sujeito dentro do seu próprio contexto. Tal compreensão requer uma modalidade particular de atuação para a situação em estudo, o que significa que não há procedimentos predeterminados. Para Sanchez (2014, p. 54) a atuação do psicopedagogo tem como objeto central de estudo em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos. Para Polity (2016, p. 85)

“[...] seus padrões evolutivos normais e patológicos bem como a influência de meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.” A Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Complementando o pontuado acima, Scoz *et al.*, (2014) afirma que o psicopedagogo estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. E de acordo com Bossa (2014, p. 59) o campo de atuação do psicopedagogo refere-se não apenas o espaço físico onde se dá esse trabalho, como também ao espaço epistemológico que lhe cabe, ou seja, o lugar deste campo de atividade e o modo de abordar o seu objeto de estudo.

Observa Soares (2014, p. 107),

O diagnóstico precoce do transtorno de aprendizagem é um ponto fundamental para a superação das dificuldades escolares. Para o mesmo autor o psicopedagogo tem a função de orientar os educadores e pais sobre a melhor forma de lidar com a criança, direciona a elaboração de programas de reforço escolar e a adoção de estratégias clínicas e/ou educacionais que auxiliam a criança no desenvolvimento escolar. É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar.

Pelo exposto acima, para o psicopedagogo, aprender é um processo que implica pôr em ação diferentes sistemas que intervêm em todo sujeito: a rede de relações e códigos culturais e de linguagem que, desde antes do nascimento, têm lugar em cada ser humano à medida que ele se incorpora à sociedade.

A atuação do Psicopedagogo refere-se a um saber e a um saber-fazer, às condições subjetivas e relacionais – em especial familiares e escolares – às inibições, atrasos e desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado. O conhecimento do psicopedagogo não se cristaliza numa delimitação fixa, nem nos déficits e alterações subjetivas do aprender, mas avalia a possibilidade do sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e de fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito.

Então, Fernández (2013, p. 62) acrescenta que:

A “escuta” da psicopedagogia não se situa no aluno, no professor, na sociedade ou família, e sim nas múltiplas relações entre eles. Em direção a uma síntese preliminar, a atuação do psicopedagogo, refere-se ao estabelecimento do marco fundante da ação terapêutica – a definição do universo da relação clínica – e que, portanto, englobam elementos como tempo, lugar, frequência, duração, material de trabalho e estabelecimento da atividade, nessa modalidade de tratamento que tem como objetivo, sempre, solucionar os problemas de aprendizagem. Podemos observar que, a atuação do psicopedagogo busca ter, uma visão integrada e integradora da aprendizagem humana, considerando seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como as influências do meio social (família, escola e sociedade), determinantes do seu desenvolvimento.

O trabalho clínico do Psicopedagogo tem função preventiva na medida em que, ao tratar determinados problemas, pode prevenir o aparecimento de outros bem como amenizar ou sanar os já existentes. O psicopedagogo verifica as características da família, da escola, ou até mesmo do professor, pois, eles podem ser a causa desencadeante do problema de aprendizagem.

Assim, essas características que constituem a causa problemática influenciam também na forma de abordagem do profissional. Ainda que o psicopedagogo desejasse, seria impossível negar a família, a escola, o professor ou mesmo a comunidade. Na opinião de Fernández (2013) e Paín (2014), sobre o exposto acima, as autoras consideram que:

O problema de aprendizagem pode ser gerado por causas internas ou externas à estrutura familiar e individual, ainda que sobrepostas. Os problemas ocasionados pelas causas externas são chamados por essas autoras de problemas de aprendizagem reativos, e aqueles cujas causas são internas à estrutura de personalidade ou familiar do sujeito denominam-se inibição ou sintoma – ambos os termos emprestados da Psicanálise.

Para resolver o fracasso escolar, quando provém de causas ligadas à estrutura individual e familiar da criança, vai ser requerida uma intervenção psicopedagógica especializada. Para procurar a remissão desta problemática, deveremos apelar a um tratamento psicopedagógico clínico que busque libertar a inteligência e mobilizar a circulação patológica do conhecimento em seu grupo familiar (FERNÁNDEZ, 2013).

Nessa Perspectiva Weiss (2015, p. 70), afirma que a prática psicopedagógica deve considerar o sujeito como um ser global, composto pelos aspectos orgânico, cognitivo, afetivo, social e pedagógico.

O aspecto orgânico diz respeito à construção biológica do sujeito, portanto, a dificuldade de aprender de causa orgânica estaria relacionada ao corpo. O aspecto cognitivo está relacionado ao funcionamento das estruturas cognitivas. Nesse caso, o problema de aprendizagem residiria nas estruturas do pensamento do sujeito. Para Scoz *et al.*, (2014, p. 104)

O aspecto afetivo diz respeito à afetividade do sujeito e de sua relação com o aprender, com o desejo de aprender, pois o indivíduo pode não conseguir estabelecer um vínculo positivo com a aprendizagem. O aspecto social refere-se à relação do sujeito com a família, com a sociedade, seu contexto social e cultural. E, portanto, um aluno pode não aprender porque apresenta privação cultural em relação ao contexto escolar. Por último, o aspecto pedagógico, que está relacionado à forma como a escola organiza o seu trabalho, ou seja, o método, a avaliação, os conteúdos, a forma de ministrar a aula, entre outros.

De tal modo que os professores devem realizar uma reflexão psicopedagógica para analisar o porquê de seu aluno não aprender ou demonstrar dificuldade em aprender o que lhe é proposto no processo de alfabetização.

Neste sentido, Fernandez (2015, p. 86) afirma que as contribuições da Psicopedagogia, vão muito mais além do que saber ler e escrever, a criança deve trazer consigo vivências de seu espaço social e ao chegar à sala de aula estará se comunicando com outras crianças e outras vivências diferentes das suas, onde haverá interação simultânea e aprendizagem de uma com a outra.

Por isso, é de suma importância haver uma interação entre família e escola, professor conhecendo os pais ou responsáveis e vice-versa. É importante ressaltar que a confiança que os pais devem adquirir na escola e no professor são fundamentais para que os pais se sintam mais seguros e confortáveis em deixar o filho na instituição.

É a escola, indubitavelmente, a principal responsável pelo grande número de crianças encaminhadas ao consultório por problemas de aprendizagem. Assim é extremamente

importante que a Psicopedagogia dê a sua contribuição à escola, seja no sentido de promover a aprendizagem ou mesmo tratar de distúrbios nesse processo (PAÍN, 2014, p. 62).

Portanto, seja o campo de atuação do psicopedagogo, a saber, clínico ou institucional, visa promover uma compreensão integral da criança e do contexto escolar que ela está inserida, proporcionando o desenvolvimento da mesma, tanto individualmente como no coletivo, sob uma perspectiva interventiva e preventiva. Para respaldar essa informação, nos estudos de Vallet (2015, p. 105), o autor afirma que:

Sob esta ótica o psicopedagogo vem atuando com muito sucesso nas Instituições Escolares, onde o seu papel principal é o de analisar os fatores que favorecem, intervém ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e ajuda o desenvolvimento dos projetos favoráveis a mudanças. Pode-se verificar que, o objetivo do psicopedagogo é o de: • • Conduzir a criança ou a Instituição a reinserir-se, reciclar-se numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as possibilidades e interesses dela; Promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das crianças em atendimento profissional, • • valendo-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação Inter profissional; Atender as crianças que apresentem dificuldades para aprender por diferentes causas, estando assim, inadaptados social ou pedagogicamente; Encorajar a criança que aprende à tornar-se cada vez mais autônomo em relação ao meio, em interagir com os colegas e resolver os conflitos entre eles mesmos; a ser independente e curioso; a usar iniciativa própria; Ter confiança na habilidade de formar ideias próprias das coisas; a exprimir suas ideias com convicção e conviver construtivamente com medos e angústias. O Psicopedagogo é um profissional que tem muito a ensinar sobre o vínculo professor/aluno, professor/escola e sua incidência na construção do conhecimento e na constituição subjetiva de alunos e educadores.

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito como meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio. Por tudo isso, o psicopedagogo deve ser um profissional que tenha conhecimentos multidisciplinares, pois sua atuação é um processo de avaliação diagnóstica, e é necessário estabelecer e interpretar dados em várias áreas.

O conhecimento dessas áreas fará com que o profissional psicopedagogo compreenda o quadro diagnóstico do aprendente e com isso, favorecerá a escolha da metodologia mais adequada, ou seja, o processo corretor, com vista à superação das dificuldades do aprendente. Ao finalizarmos a temática, ratificamos que área de conhecimento multidisciplinar do profissional Psicopedagogo busca compreender como ocorrem os processos de aprendizagem e entender as possíveis dificuldades situadas neste movimento.

De forma semelhante Soares (2014, p. 123) destaca que:

A Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Já para Scoz *et al.*, (2014) o psicopedagogo estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Enfatiza Bossa (2014, p. 32) que o campo de atuação do psicopedagogo refere-se não apenas ao espaço físico onde se dá esse trabalho, como também ao espaço epistemológico que lhe cabe, ou seja, o lugar deste campo de atividade e o modo de abordar o seu objeto de estudo.

Observa Fonseca (2014, p. 77) que:

O diagnóstico precoce do transtorno de aprendizagem é um ponto fundamental para a superação das dificuldades escolares. Para o mesmo autor o psicopedagogo tem a função de orientar os educadores e pais sobre a melhor forma de lidar com a criança, direciona a elaboração de programas de reforço escolar e a adoção de estratégias clínicas e/ou educacionais que auxiliam a criança no desenvolvimento escolar.

É preciso, também, que o psicopedagogo saiba o que é ensinar e ainda, o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar, devem fundamentar a constituição de uma teoria psicopedagógica. Ora, nenhuma dessas áreas surgiu especificamente para responder à problemática da aprendizagem humana. Elas, no entanto, nos fornecem meios para refletir cientificamente e operar no campo psicopedagógico.

Considerações finais

Atualmente a Psicopedagogia procura considerar o processo de aprendizagem no qual é analisada a situação do aluno com dificuldade dentro do contexto da família, da escola e do mesmo em sala de aula. Ela se baseia em uma visão de um sujeito com características imutáveis, adaptando e aprendendo como próprio sujeito.

Após os diálogos apresentados, a partir das ideias dos autores elencados durante o texto, conclui-se que a Psicopedagogia colabora no processo da alfabetização, pois através dos estudos da pedagogia juntamente com a psicologia o atendimento à criança com necessidade

de atendimento especial se aperfeiçoou, visto que uma das preocupações dos professores e envolvidos diretamente ao processo de ensino-aprendizagem está centralizado no desenvolvimento cognitivo do aluno nas diversas modalidades de ensino.

Dessa forma, a Psicopedagogia vem compreender a existência do sujeito cognoscente, em que suas relações estão vinculadas as instituições a que pertence. Estes elos reciclam uma nova proposta de responsabilidade, antes era apenas um sujeito com dificuldade, hoje já existem outras configurações relacionadas ao ambiente em que o individuo está inserido, com uma visão mais detalhadas das particularidades existenciais, de maneira que se pode incluí-lo nos sistemas sociais que eles fazem partes.

Mais uma vez se destaca o importante papel da família na tarefa de proporcionar experiências educacionais às crianças. Ela retém definitivamente os sentimentos que seus pais têm em relação a ela e a vida em geral. As dificuldades de aprendizagem na alfabetização devem ser tratadas. O primeiro passo é a observação por parte dos professores e dos pais, para juntos buscarem ajuda de outros profissionais.

Dessa maneira, finaliza-se este texto reiterando o papel da família e da escola para auxiliar na melhoria do processo de alfabetização e leitura para crianças com dificuldades de aprendizagem, devendo levar em consideração diferentes fatores, tais como: culturais, sociais econômicos e psicológicos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ludmila Thomé de. Ainda em pauta a alfabetização, a leitura e a escrita. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 12, ago./dez., 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1637/1485>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BOSSA, Nadia Aparecida. **Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2014.

CORRÊA, Priscila Monteiro. Os desafios enfrentados por alunos do curso de pedagogia na relação com a leitura e com a escrita na universidade. **Revista Contemporânea de Educação**. n. 12, ago./dez., 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1644/1492>. Acesso em: 04 mar. 2018

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2013.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre, Artmed. 2015.

MEDINA, Aline Corrêa. O corpo inclusivo na infância: tempo e espaços das diferenças na Educação Infantil. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 11, n. 22, ago./dez., 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2781/7137>. Acesso em: 04 mar. 2018.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2014.

POLITY, Elizabeth. **Ensinando a ensinar: Educação com afeto**. Rio de Janeiro. Vetor. 2016.

SANCHEZ, Heloisa. Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola. In: Tozzi, D. A.; Onesti, L. F. (coord.). **Os desafios enfrentados no cotidiano escolar**. São Paulo, FDE, 2014.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização, **Presença Pedagógica**, v. 9 n. 52, jul./ago., 2003. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reiencao_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 10 nov. 2017.

TFOUNI, Marcus Vinícios da. A escola renovada e a família desqualificada: do discurso histórico-sociológico ao psicologismo na educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 286, maio/ago., 2013.

VALLET, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre. Mediação, 2015.

WEISS, Maria Lúcia Leme. Reflexões sobre o diagnóstico psicopedagógico. In: BOSSA, N.A. **Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre. Artmed, 2000.

Como Referenciar este artigo

ALVES DE MOURA, Anaisa.; MARTINS RODRIGUES, Francisca Neide Camelo.; LOPES SOARES, Stela.; SIMÕES FERREIRA, Heraldo. A psicopedagogia na alfabetização de crianças com dificuldade de aprendizagem. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 1, p. 85-102, jan./abr., 2019. E-ISSN: 1519-9029. DOI: 10.22633/rpge.v23i1.11493

Submetido em: 09/12/2018

Revisões requeridas:

Aprovado em:

Publicado em: 02/01/2019